

Título

PONTO DE CIDADANIA COMO PONTE: SAÚDE MENTAL E ARTE CULTURA COMO HORIZONTES DO CUIDADO EM LIBERDADE

Lourdes Mila Almeida Brito¹
Adriano Carneiro Silva, Ariel Henrique Santos Hoffmann, Elaine Nunes de Souza Oliveira,
Marcelo Augusto Assumpção Linhares e Silva²

Resumo

O PCI é um serviço que compõe a RAPS-AD de Salvador-Ba, voltado para o cuidado de PSR do território de Itapagipe. Com uma estrutura de um container situado em uma das praças de grande circulação deste público, propõe o cuidado em saúde mental na perspectiva da redução de danos e do cuidado em liberdade. Esta experiência se propõe a apresentar as estratégias de cuidado conduzidas pelo PCI junto aos usuários e usuárias do serviço, tendo a Arte Cultura como ferramenta transversal à construção e fortalecimento de vínculo, além da produção de significado às intervenções em saúde. Conduzida por perguntas ao longo de toda a exposição, se propõe a instigar o leitor a reflexões ampliadas acerca das vivências da PSR, além de compartilhar práticas de cuidado a este público centrada na potência e na valorização da ancestralidade.

O Ponto de Cidadania - Itapagipe (PCI) é um serviço de saúde mental do Projeto Girassóis de Rua, inserido na Rede de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (RAPS-AD) de Salvador e no Sistema Único de Saúde, voltado para o cuidado de pessoas em situação de rua (PSR) atuante há quase 04 anos no distrito sanitário de saúde de Itapagipe. Faz parte da política pública municipal de saúde mental e apresenta proposta inovadora na atenção à saúde desta população, na perspectiva do cuidado antimanicomial, e por isso em liberdade; da clínica peripatética e Redução de Danos (Lancetti, 2008).

Utilizando-se da estrutura de um container, situado em uma das praças de grande circulação de PSR no distrito sanitário de Itapagipe, o PCI tem costurado esta teia de cuidado junto ao território, tarefa que não é simples, mas que proporciona experiências singulares.

As tecnologias leves do cuidado em saúde (Merhy, 2002) moderam a inserção da equipe multiprofissional neste território, tendo o vínculo enquanto

ferramenta primordial à promoção do cuidado e estímulo à construção de projetos de vida em uma realidade social dura, pautada por cenários de violações de direitos e engendramento de políticas de genocídio e extermínio de populações historicamente marginalizadas. Vínculo este que possibilita pensar o cuidado, sobretudo neste cenário, com o olhar direcionado à pessoa em situação de rua como ser desejante, pessoa de bagagem e que traz consigo experiências muito além das relacionadas ao contexto miserabilidade e opressões estruturais.

A natureza de um container possibilita a inserção da equipe multiprofissional neste território vivo de uma maneira particular, quando comparado a outros serviços que compõem a RAPS-AD. Neste sentido, não há um momento em que o serviço vai para a rua, ao encontro das pessoas que ali conduzem as suas vidas. O PCI está na rua e, a partir deste lugar, dialoga e se molda conforme as necessidades e demandas que surgem nesta dialética, permanecendo componente do território mesmo quando a equipe vai embora, ao final do expediente. E a rua, “meus amigos e amigas”, se impõe!

À vista disso, essa experiência se propõe a apresentar um trabalho territorial, comprometido com o princípio do direito à saúde e do cuidado em liberdade, a uma parcela da população historicamente posicionada como a escória do mundo. Contudo, ao contrário de grande parte dos estudos e materiais produzidos acerca da situação de rua ao longo do país, o *“Ponto de Cidadania como Ponte: saúde mental e arte cultura como horizontes do cuidado em liberdade”* instiga o direcionamento do olhar para o cuidado centrado na potência, fio condutor das práticas ofertadas pelo PCI, ao retratar o papel fundamental da facilitação do acesso à Arte Cultura na promoção de saúde mental à PSR do território em questão.

“Quantas histórias cabem em um container?” é um entre os inúmeros questionamentos trazidos ao longo de toda a apresentação, e que estimula o leitor ao exercício de reflexões com menos obviedades àquelas que permeiam o senso comum da sociedade acerca das questões que envolvem a vida da PSR e que também estão no cotidiano das relações vivenciadas na rua, observadas nesta dialética com o serviço.

É sobre a necessidade de ampliar as lentes e ajustar o olhar para os afetos e visões de mundo que surgem em uma conversa casual entre profissional e usuário, na fila para utilizar o banheiro, por exemplo. A refletir o espaço que sobra para conhecer quem são as pessoas que vivenciam as ruas de Salvador, as suas trajetórias de vida, os elementos que compõem as suas bagagens individuais (e, por que não, as suas memórias afetivas?) em um cenário de grandes burocracias institucionais e enrijecimento das práticas de cuidado, observadas na rotina dos serviços públicos de saúde.

Neste processo, situa a arte cultura como transversal ao cuidado, utilizando-se da potente herança histórico-cultural presente no território de Salvador-Bahia para se produzir significado às intervenções propostas. Neste sentido, a Capoeira Angola, o samba de roda, o toque do berimbau, as brincadeiras que embalaram infâncias nos becos e vielas de Salvador são exemplos de estratégias incluídas no processo dialógico de cuidado e que tem sido observado como um lugar de sentido na relação serviço-território.

Ademais, pensar promoção de saúde mental em um modelo diferente das práticas de cuidado hegemônicas é uma tarefa desafiadora para a equipe que conduz este processo, disputada cotidianamente nas mais diferentes instâncias. Contudo, nota-se que certas práticas produzem afetações ao longo da dinamicidade do território, tendo muito a contribuir com a oferta do cuidado e compromisso político-ideológico com a transformação social. Desta forma, cabe ser partilhada como contribuição à sistematização e construção de conhecimentos e das experiências originárias do saber, da cultura e das tradições populares que atuam na dimensão do cuidado, assim como com o compromisso com a autonomia e emancipação dos sujeitos, diretrizes propostas pela Política Nacional de Educação Popular em Saúde – PNEPS-SUS, um dos horizontes do cuidado à PSR vislumbrados pelo Ponto de Cidadania - Itapagipe.

Referências

Lancetti A. Clínica peripatética. São Paulo: Hucitec, v. 3. 2008.

Merhy EE. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo (SP):Hucitec; 2002.

1. Autora principal – Ponto de Cidadania Itapagipe, Salvador, Bahia, 2024
2. Demais autores – Ponto de Cidadania Itapagipe, Salvador, Bahia, 2024